

Invasão da Estrutural em contagem regressiva

Ana Júlia Pinheiro
Da Equipe do Correio

DF-Cidade Estrutural
001
Reportagem 0172

Tina Coêlho

Catorze horas depois do atropelamento que matou sua mulher, Canuto Maciel da Cruz, 53 anos, chorava atordoado e sozinho, soprado pela poeira vermelha e quente da Invasão da Estrutural. Quando Maria Guilhermina Barbosa caiu na pista e apareceram os repórteres, a líder dos invasores, Marlene Mendes, se perfilou ao lado do viúvo. No dia seguinte, sem fotografias ou cinegrafistas, Marlene deixou Canuto para lá. Às 16h30 de sexta-feira, ele perguntava a quem passasse na sua frente para onde teriam levado o corpo.

“A polícia levou ela mas não me disse para onde”, repetia Canuto. Os vizinhos respondiam que talvez estivesse no IML (Instituto Médico Legal). Estava. Agora faltava um cartão telefônico para o viúvo ter certeza. Perto do homem triste passava o carro de som convocando os moradores para uma reunião com o deputado distrital José Edmar (PMDB), às 18h. A cena diz muito sobre os últimos dias da invasão que o Governo pretende desmontar em três meses: há de ser um salve-se quem puder.

O primeiro sinal do racha no movimento dos invasores se deu na porta do Palácio do Buriti. Marlene e outros dirigentes da Associação de Moradores (Asmoes) pagaram o mico de arrastar menos de 200 vizinhos — numa invasão com 15 mil pessoas — para a manifestação em solidariedade a 50 sacoleiros do Paraguai. Mico não, orangotango: alugaram oito ônibus, chegaram e saíram com os veículos vazios.

Pior será quando os invasores descobrirem que o Governo teria mil lotes para assentá-los no Recanto das Emas e no Riacho Fundo. Ninguém se mudou até agora por-



Moradores da Estrutural estão apreensivos com o prazo de três meses dado para que todos deixem o local e a liderança de Marlene Mendes já é questionada

que, durante seis meses, os líderes da Asmoes batiam o pé nas negociações com o Idhab (Instituto de Desenvolvimento Habitacional). Eles insistiam em manter as pessoas na Estrutural. A oferta dos lotes está suspensa. E muita gente sonhava com a casa própria.

“Eu vou onde me botarem de bom coração. Estou desempregado e tenho seis filhos para sustentar”,

sonha o serralheiro Damião Diniz, de 32 anos. Diniz ouviu pela televisão e na rádio Planalto, às 7h, que o governo desocuparia a Estrutural. “Eles deveriam ter passado nas portas procurando saber quem realmente precisa dos lotes. E quem está aqui só para aventurar.”

Mateus Germano de Lima, 45 anos, trocou uma Kombi que valia R\$ 2 mil por um lote de 8m por 12m

na invasão. Junto com a mulher, Materdina Crispim, e sete filhos montaram um ponto para venda de bebidas. “Se a gente mudasse todos junto para o Recanto das Emas, a freguesia da birosca continuava a mesma”, diz Materdina. A família morava há oito anos na Invasão do Lixão, até se mudar para a Invasão da Estrutural.

E o cerco se fecha. O adminis-

trador nomeado para a área, major Wolney Rodrigues, promete barrar os caminhões que distribuem bebidas e gêneros alimentícios, a partir dessa semana. “Que eles fechem as madeiras tudo bem, porque eu não sou cupim. Mas se fecharem os supermercados vai ser um absurdo”, protesta a aposentada Maria Iracy Vitorino, de 49 anos.